

• **Psicologia Intercultural e Psicologia Educacional -
Uma contribuição histórica**
***Cross-Cultural Psychology and Educational Psychology -
A historic contribution***

Arrigo Leonardo Angelini¹
Cadeira n° 4 "Almeida Junior"

Resumo: Este artigo baseia-se em conferência pronunciada nas *Primeras Jornadas Nacionales de Psicología Escolar*, realizadas em Caracas - Venezuela, em abril de 1980. A retomada do tema nesta oportunidade justifica-se por tratar de subsídio histórico de um ramo da Psicologia que ganhou impulso a partir da década de 60 do século passado. Naquela época, a pesquisa intercultural em Psicologia ensaiava seus primeiros passos no sentido de introduzir uma nova dimensão na análise e interpretação do comportamento humano: a variável sociocultural. Os psicólogos, notadamente os norte-americanos, acostumados a uma posição etnocêntrica em Psicologia, começaram a preocupar-se com a nova abordagem: a intercultural. As conseqüências para o estudo do comportamento humano são evidentes, especialmente no contexto da educação.

Palavras-chaves: Psicologia Intercultural; Psicologia Educacional.

Abstract: This article is based on a lecture delivered during "Primeras Jornadas Nacionales de Psicología Escolar", which took place in Caracas - Venezuela in April 1980. The retaking of this subject at this moment is justified for being a historic subsidy of a branch in Psychology that gained force as from the decade of the 60's of last century. At that time, Cross-Cultural research in Psychology was merely rehearsing its first steps toward the introduction of a new dimension in the analysis and interpretation of human behavior: the sociocultural variable. The psychologists, notably the North Americans, accustomed to an ethnocentric position in Psychology, began to worry about the new approach: the Cross-Cultural one. Consequences for the study of human behavior are evident, specially in the context of education.

Keywords: Cross-Cultural Psychology, Educational Psychology.

O título deste artigo, por si só, sugere um conteúdo extremamente amplo, pois supõe uma comparação e um estudo de influências mútuas entre dois campos da moderna Psicologia. De um lado, uma área relativamente recente da Psicologia Social, porém em grande expansão e que se conhece como Psicologia Intercultural e, de outro lado, um campo tradicional de aplicação da Psicologia, ou seja, a Psicologia Educacional. No entanto, em virtude da relativa recentidade da abordagem intercultural na pesquisa psicológica, será dada neste artigo maior ênfase às questões referentes à definição, às características e à metodologia empregada neste novo campo da Psicologia.

¹ Presidente da Academia Paulista de Psicologia. Contato: R. Boytac, 60 - Cid. Jardim - CEP 05673-080 - São Paulo - SP. Tel.: 3032-2184. E-mail: a.angelini@ajato.com.br

Em realidade, o enfoque intercultural no estudo dos fenômenos de natureza psicológica relativos à educação pode contribuir para melhor compreensão dos objetivos educacionais, para uma redefinição dos programas de educação e para a orientação do papel dos educadores de acordo com a cultura ou subcultura considerada. Por outro lado, a Psicologia Educacional pode oferecer importantes parâmetros para os estudos psicológicos em distintas culturas. Os sistemas educacionais e as conseqüentes práticas educativas em diferentes culturas, geralmente se baseiam em teorias e princípios psicológicos, obtidos a partir de resultados de investigações realizadas em uma única cultura, isto é, sem considerar que muitas conclusões sobre o comportamento humano podem não ser universalmente válidas.

As inferências psicológicas obtidas à base de investigações etnocêntricas podem ser, como de fato têm sido, postas à prova e até mesmo contraditadas em virtude de resultados conseguidos em outras culturas.

A Psicologia Intercultural preocupa-se em estudar indivíduos de duas ou mais culturas através do emprego de métodos de medida que sejam equivalentes para as várias culturas consideradas.

Visam tais estudos à compreensão das relações entre a cultura e o comportamento individual, uma vez que se admite que parte das variáveis que explicam o comportamento de uma pessoa deve-se à influência dos diferentes contextos socioculturais que caracterizam os distintos ambientes nos quais ela encontra-se inserida.

Eckensberger em 1971 propôs uma definição operacional para a Psicologia Intercultural, partindo do conhecido esquema proposto por Woodworth e Schlosberg (1954), segundo o qual a Psicologia, em última análise, trata das relações estímulo-organismo-resposta, expressas pela clássica fórmula S-O-R.

A definição de Eckensberger é a seguinte: *A investigação intercultural em Psicologia é a comparação explícita e sistemática de variáveis psicológicas sob condições culturais diferentes, a fim de especificar os antecedentes e os processos que medeiam a emergência das diferenças de comportamento.* O objetivo básico da investigação intercultural seria, portanto, o da descoberta das relações *se-então*, nas quais as condições *se*, ou variáveis independentes, são as condições culturais das quais depende o comportamento.

Não obstante ser muito antigo na história da humanidade o interesse pelo comportamento dos "outros", isto é, de *outras* culturas que não a própria, foram os estudos dos antropólogos culturais que forneceram as bases para o surgimento da Psicologia Intercultural.

É de recordar-se aqui os clássicos estudos de Margareth Mead, Ruth Benedict, Du Bois, Kardiner, Sapir, Malinowski, Seligman e Roheim e vários outros

que passaram a integrar o campo conhecido como *Cultura e Personalidade* ou *Antropologia Psicológica*, como propôs Hsu em 1961.

Ressalvados alguns estudos psicológicos de natureza intercultural realizados na primeira metade do século passado, pode-se afirmar que esse novo ramo da ciência psicológica começou a estabelecer-se depois do término da Segunda Grande Guerra, ou mais precisamente a partir da década de 60. Alguns autores (Cf. Angelini, [1964] e Price-Williams [1969]) admitem certos fatores como responsáveis pelo crescente interesse dos psicólogos por essa área de estudos. São eles: o maior contato entre os povos, quer do Ocidente, quer no Oriente, em virtude do desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte; o fim do isolamento político-cultural dos Estados Unidos; a progressiva descentralização etno-cultural dos cientistas sociais norte-americanos; a fundação de institutos na Ásia, na África e na América Latina; e, sobretudo, o aparecimento do computador, capaz de absorver e analisar em pouco tempo grande quantidade de dados e de informações que de outra forma não seria possível considerar.

Quanto aos objetivos da Psicologia Intercultural, cabe recordar, além daqueles mais gerais inseridos na própria definição desse ramo da Psicologia, o propósito de verificar até que ponto certos conceitos, princípios ou teorias relativos ao comportamento humano, bem como os métodos para seu estudo, são universalmente válidos. A descoberta dos limites das teorias psicológicas é uma parte importante da própria Psicologia. A grande vantagem da estratégia intercultural reside precisamente no fato de que pela ampliação do campo das variáveis relevantes para o comportamento humano, em comparação com a clássica investigação psicológica unicultural, é possível reduzir a ocorrência de interpretações inadequadas, formular novas hipóteses explicativas do comportamento e determinar as modificações nas teorias psicológicas que se mostrem necessárias à sua universalidade.

Por outro lado, a investigação intercultural pode ser de grande utilidade na solução de vários problemas enfrentados pela sociedade em distintos países como: migrações internas, aculturação, urbanização, educação de massas, programas de saúde da população, planejamento familiar, planejamento educacional, telecomunicação, violência urbana, relações internacionais, conflitos religiosos, conflitos raciais, pobreza e privação cultural, além de outros, que se caracterizam, muitas vezes por conflitos entre diferentes percepções do mundo ou pela luta, objetivando a preservação de traços culturais e étnicos.

Quando o psicólogo rompe as barreiras do etnocentrismo, torna-se evidente que o conceito de cultura passa a ter para ele um significado muito especial.

Entretanto, a difícil tarefa de definir cultura continua entregue aos antropólogos. Geralmente o psicólogo intercultural adota uma definição bastante

abrangente para planejar suas investigações. Assim, uma definição de cultura que tem sido adotada por psicólogos interculturais (Cf. Triandis, 1964; Triandis, *et al.* 1972 e 1973) é a proposta por Herskovits que diz simplesmente: “cultura é a parte do ambiente feita pelo homem”.

No entanto, para o planejamento de investigações no campo da Psicologia Intercultural, surge o problema da definição da unidade cultural a ser considerada.

Muitos autores adotam os critérios propostos pelo antropólogo Naroll (1964) para circunscrever uma unidade cultural que é denominada por esse autor de “cultunit”. Esses critérios estabelecem que para haver uma unidade cultural, isto é, uma “cultunit”, deverá haver um grupo de pessoas que: 1º) falam no lar a mesma língua distinta; 2º) habitam um território comum; 3º) ou são membros de uma unidade política que transcende a comunidade local, ou vivem suficientemente perto uns dos outros para manter freqüentes contatos.

Relativamente aos tipos de investigação intercultural, Angelini (1964) descreve quatro tipos de acordo com a complexidade crescente do planejamento e que englobam, do ponto de vista do método, a maior parte dos estudos realizados pelos investigadores nesse campo: 1. No primeiro tipo, o investigador originário de uma cultura dirige-se a outras para estudar aspectos do comportamento já conhecidos por ele. Os dados obtidos nas outras culturas são comparados com aqueles da cultura de origem e servem para confirmar conceitos ou princípios já estabelecidos, bem como validar instrumentos de coleta e de mensuração; 2. No segundo tipo, o investigador repete, em sua própria cultura, pesquisas já realizadas em outras, a fim de comparar os resultados obtidos com aqueles constantes da literatura científica; 3. No terceiro tipo, um investigador-chefe, após realizar todo o planejamento do estudo, convida colegas de outras culturas para colaborarem no projeto, cada qual realizando a investigação em sua própria cultura para a posterior comparação final dos resultados; 4. Finalmente, no quarto tipo, investigadores de várias culturas reúnem-se para planejar o estudo e todas as fases da investigação são discutidas e realizadas mediante a participação igual de todos os cientistas envolvidos no projeto.

Segundo Holtzman (1968), uma investigação intercultural inclui, pelo menos, quatro fases ou etapas: 1. A primeira refere-se ao objetivo da investigação e à especificação das variáveis interculturais, relativamente às suas características internacionais, subculturais, intercomunidades etc.; 2. A segunda fase inclui um estudo piloto para testar o plano e os instrumentos de coleta de dados, em caráter preliminar; 3. A terceira fase refere-se à realização do estudo propriamente dito; 4. A quarta e última fase abrange a análise definitiva dos dados, a interpretação e a publicação dos resultados.

Considerando-se essas fases da investigação intercultural, observa-se que é precisamente na primeira fase, isto é, naquela em que são especificadas as variáveis a serem estudadas, que fica caracterizada a pesquisa como de natureza intercultural.

Segundo Triandis *et al.* (1971), as variáveis que são objeto de teoria ou medida na Psicologia Intercultural podem ser classificadas em seis categorias:

1. Variáveis relativas ao meio físico, que incluem o clima, os recursos naturais, as características visuais do ambiente, a produção de alimentos, as doenças endêmicas etc.
2. Variáveis relativas à estrutura social, que incluem as variáveis demográficas (por exemplo: classe social, raça, sexo, idade), tipos de família, padrões de interação intergrupais etc.
3. Variáveis relativas às disposições de comportamento da pessoa P, incluindo motivos, atitudes, papéis, normas, valores, sistemas de crenças etc.)
4. Variáveis relativas ao comportamento verbal ou não-verbal da pessoa P, que incluem as ações atribuídas a P.
5. Variáveis relativas às disposições de comportamento do outro Q, que incluem as mesmas variáveis da categoria 3 acima, porém como características do outro.
6. Variáveis relativas ao comportamento verbal ou não-verbal do outro Q, que incluem as mesmas variáveis da categoria 4, porém como características do outro.

Enquanto os eventos na categoria 1 são quase sempre concebidos como estímulos e os eventos nas demais categorias são freqüentemente concebidos como respostas, os estudos neste campo podem assumir muitas formas, inclusive a atribuição de propriedades causais às variáveis da categoria 6 que determinam variáveis na categoria 3. Por exemplo: quando a pessoa P é o pai e a outra Q é a criança, eles causais são geralmente admitidos para conectar a categoria 4 com as categorias 5 e 6, embora possa acontecer o reverso.

Em 1964 Whiting (*apud* Triandis, *et al.* 1971) apresentou uma seqüência hipotética de eventos que demonstra uma possível relação causa-efeito em forma de cadeia entre as variáveis do sistema de categorias acima exposto.

A seqüência de Whiting é a seguinte: (a) climas de florestas tropicais e chuvas abundantes, (b) e pequena produção de carne em forma de gado, resultam em (c) limitada ingestão de proteínas pelas crianças o que leva a (d) um longo tabu sexual *post-partum*, aumentando a probabilidade de (e) poligenia, caso em que (f) o pai passa a dormir em lugar diferente do da criança e da mãe

e, portanto, (g) os meninos tornam-se muito apegados às suas mães, o que requer (h) uma severa cerimônia de iniciação para introduzi-los no papel masculino.

Essa seqüência inclui ligações de variáveis dentro das categorias como entre as categorias. Assim, dentro da categoria 1 (a para b para c); entre as categorias 1 e 2 (c para d); dentro da categoria 2 (d para f) entre as categorias 2 e 5 (f para g); e entre as categorias 5 e 2 (g para h).

Em resumo, o sistema de categorias é bastante amplo, utilizável com diferentes cadeias de eventos causa-efeito embora nem todas as categorias sejam necessárias para descrever um determinado estudo. Com o uso de um sistema de categorias como esse pode-se verificar muitas falhas nas pesquisas existentes.

Na recente história da psicologia científica, observa-se a tendência dos psicólogos para a realização de experimentos, através da manipulação de variáveis, muitas vezes em situações bastante restritas e artificialmente criadas nos laboratórios.

O respeito do psicólogo pelo rigor científico leva-o a estudar o comportamento humano como realidade natural e, conseqüentemente, a adotar uma atitude positivista diante dos fenômenos da Psicologia.

A Psicologia Intercultural, porém, acrescenta uma dimensão nesses estudos: a dimensão cultural nos fenômenos humanos que está acima das dimensões matemática, física e lógica, a qual poderá revelar ao cientista um aspecto diferente da realidade investigada, não antecipada em suas hipóteses de trabalho.

É verdade que este novo ramo da Psicologia encontra-se ainda em sua infância; e inúmeras dificuldades apresentam-se ao investigador que a ele dedica-se. São dificuldades principalmente de ordem conceitual, metodológica e ética, além de outras de ordem prática. Por exemplo, um dos problemas que o investigador enfrenta ao tentar transferir certos conceitos da cultura ocidental para outras culturas é o de que esses conceitos são, muitas vezes, acompanhados de valores etnocêntricos, situação que poderá dificultar a interpretação de dados colhidos em outras culturas.

Os problemas metodológicos são geralmente discutidos pelos autores que tratam da investigação intercultural (Cf. Angelini, A.L., 1964, 1967 e 1971; Berrien, K, 1967, Brislin, R.W. *et al.*, 1973; Paiva, G.J., 1978). Adota-se aqui um consenso de que há a necessidade de um refinamento de métodos e da instrumentação utilizados neste tipo de investigação.

Além disso, certos problemas de ordem prática, presentes em qualquer investigação psicológica, assumem importância especial (Cf. Angelini, A.L., 1967) na investigação intercultural.

Kelman (1967) preocupa-se com os aspectos éticos da investigação intercultural, recordando que os dados de uma cultura a ela pertencem e a ela devem voltar de algum modo, se forem investigados por cientistas alienígenas, sob pena de serem estes acusados de usurpação e de colonialismo acadêmico. Esse autor admite que a investigação intercultural é antes de tudo tarefa científica e que, por isso, não deve imiscuir-se em assuntos políticos concretos ou em programas específicos de organizações privadas.

Não obstante, todas essas dificuldades que rodeiam as investigações interculturais, esse campo vem exibindo extraordinária expansão nos últimos anos.

Grande número de estudos realizados com crianças apresentam especial interesse para a Psicologia Educacional. Por exemplo, no que respeita ao tema do desenvolvimento da criança, vários estudos têm sido realizados em distintas culturas, segundo o modelo piagetiano. O próprio Piaget (1966) admitiu a importância dos estudos interculturais em sua psicologia genética.

Estudando a noção de conservação, entre crianças da Nigéria Central, Price-Williams (1961) chegou à conclusão de que seus resultados aproximavam-se muito dos obtidos por Piaget no que se refere à evolução da compreensão de conservação. Os autores que têm investigado esta área admitem em geral que os estágios do desenvolvimento infantil identificados por Piaget ocorrem na mesma ordem em distintas culturas, porém não necessariamente nas mesmas idades e podem ser modificados até certo ponto pela linguagem, treino e outras experiências específicas (Cf. Klineberg, 1979).

Em conclusão, pode-se afirmar que se o pesquisador em Psicologia, especialmente aquele interessado na aplicação desta ciência aos problemas da educação, desejar comprovar se suas inferências são ou não universalmente válidas, deve considerar a dimensão intercultural, além das clássicas variáveis subculturais como sexo, idade, classe social, etnia e escolaridade dos indivíduos que investiga.

Referências

- Angelini, A.L. (1964) *Perspectives and Problems in Cross-Cultural Research*. Address to the Ninth Interamerican Congress of Psychology. Miami: Proceedings of the IXth Congress of the Interamerican Society of Psychology.
- Angelini, A.L. (1967) Alguns problemas metodológicos na pesquisa transcultural. In *Aportaciones de la Psicología a la Investigación Transcultural*.

- Memórias del X Congreso de la Sociedad Interamericana de Psicologia. México, D F: Editorial Trillas, p. 271-275.
- Angelini, A.L. (1971) Pesquisa Intercultural em Psicologia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*, 23, pág. 73-84.
 - Berrien, F.K. (1967) Methodological and related problems in cross-cultural research *International Journal of Psychology*. 2, pág. 33-43.
 - Brislin, R.W., Lonner, W.J. e Thorndike, R.M. (1973) *Cross-Cultural Research Methods*. Nova York, J. Wiley & Sons.
 - Eckensberger, L.H. (1971) The necessity of a theory for applied cross-cultural research (Mimeog).
 - Holtzman, W.H. (1968) Cross-Cultural studies in Psychology - *International Journal of Psychology*. 3, pág. 83-91.
 - HSU, F.L.K. (1961) *Psychological Anthropology*. The Dorsey Press Inc.
 - Kelman, H.C. (1967) Psychological research on social change: some scientific and ethical issues - *International Journal of Psychology*. 2, pág. 301-313.
 - Klineberg, O. (1979) Historial Perspectives. Cross-Cultural Psychology Before 1960, in Triandis, H.C. e Dragruns, J. (Eds.) *Handbook of Cross-Cultural Psychology*. Vol I, Boston: Allyn & Bacon, Eds.
 - Naroll, R. (1964) On ethnic classification. *Current Antropology*, 5, pág. 283-312.
 - Paiva, G.J. (1978) *Introdução à Psicologia Intercultural*. Livraria Pioneira Editora, São Paulo.
 - Piaget, J. (1966) Nécessité et signification des recherches comparatives en psychologie génétique. *International Journal of Psychology*, 1. pág. 3-13.
 - Price-Williams, D.R. (1961) A study concerning concepts of conservation of quantities among primitive children. *Acta Psicológica*, 18, pág. 297-305.
 - Price-Williams, D.R. (1969) (Ed.) *Cross-Cultural Studies*, Middlesex, England: Harmondsworth Penguin Books.
 - Triandis, H.C. (1964) Cultural influences upon cognitive processes in L. Berkowitz (Ed.) *Advances in Social Psychology*, New York: Academic Press, pág. 1-48.
 - Triandis, H.C. - Malpass, R.S. e Davidson, A.R. (1971) Cross-Cultural Psychology. *Biennial Review of Anthropology*, 7, pág. 1-84.
 - Triandis, H.C., Vassiliou, V., Vassiliou, G., Tanaka, Y. e Shanmugan, A.V. (1972) *The Analyses of Subjective Culture*. New York: J. Wiley.
 - Triandis, H.C., Malpass, R.S. e Davidson, A.R. (1973) Psychology and Culture. *Annual Review of Psychology*, 24, pág. 355-378.
 - Woodworth, R.S. e Schlosberg, H. (1954) *Experimental Psychology*. New York, Holt, Rinehart and Winston.

Enviado em: 03/07/2007 / Aceito em: 10/08/2007